

**Literatura e educação – 2019 - Profº Dr. Marcos Natali**

**Jessica dos Santos Barbosa – nº USP 9867528 – 2º horário**

**Texto em resposta a *O método desviante*, de Jeanne Marie Gagnebin.**

O tempo da aula: frase curta capaz de chamar a atenção de aspirantes a professores e veteranos. Afinal, sabe-se lá o porquê, tal ofício tende a gerar medo, insegurança. Ao contrário de outras profissões, parece haver quase um consenso entre os profissionais envolvidos de que não há um método para lecionar, é preciso experimentar. Em contrapartida, é exercício comum questionar os métodos de ensino, em uma incessante busca por respostas. Como começar uma aula? Como fazer-se notar pelos alunos? Em tempos remotos, via-se nos professores certo autoritarismo, certa severidade perante seu público. Hoje, tal postura dificilmente funcione – ainda bem. É preciso levar em conta a evolução das gerações, do modo de aprendizado, das ferramentas disponíveis que competem com o professor em sala. Volta-se novamente à questão: como administrar todos os fatores envolvidos em uma aula, dentre eles seu tempo?

Jeanne Gagnebin propõe o que chama de *método desviante*, que pode resumir-se a uma sucessão de regras, cujo objetivo é não controlar o tempo da aula. Nas palavras da autora, é preciso “não temer aos desvios, não temer a errância”, saber valorizar uma “verdadeira questão” na qual valha a pena demorar, “não ter medo de perder tempo”, de modo a não tornar o ensino mero braço da produtividade capitalista. É preciso, entretanto, fazer certas ressalvas. O texto se concentra na experiência da autora em ensinar filosofia em cursos universitários, o que pode ser notado até pela linguagem da qual faz uso, gerando questionamentos com relação às aplicações de seu método em contextos escolares mais abrangentes. Como, por exemplo, pode-se ter certeza de que, ao eleger “verdadeiras questões”, não estaremos valorizando um certo perfil de aluno em detrimento de outro, o que se agrava ainda mais no ambiente escolar. Mesmo o “não temer aos desvios” parece ser uma via de mão dupla: todos os professores um dia foram alunos e tiveram diversos exemplos de aula. Neles é possível notar que muitas vezes os desvios se tornam um caminho quase sem volta, o que, novamente, tende a se agravar no espaço escolar, se comparado ao universitário. No livro *Ei professor*, Frank McCourt relata boa parte de suas experiências ao longo de 30 anos de docência em escolas públicas de Nova Iorque, e conta como em seu começo de carreira foi difícil deter a atenção dos alunos às

atividades propostas em aula, porque, na tentativa de ser um professor “legal”, entrou num sem fim de responder perguntas sobre sua vida pessoal, seu sotaque, e o porquê de ser um professor jovem. Ao longo dos estágios feitos nos cursos de licenciatura, a dicotomia entre a liberdade e o tempo da aula torna-se mais explícita, de modo que nos vemos, muitas vezes, negociando com os alunos um tempo para o lazer em troca da atenção ao proposto em cada disciplina. É preciso levar em conta que todo curso, seja universitário ou de formação inicial, tem um programa a ser cumprido, que vai muito além da boa vontade do professor em desviar o tempo da aula, já que este também presta contas a diversas instituições quanto aos conteúdos e resultados de seu trabalho. Talvez isto de fato torne o ensino mais um produto capitalista, e parece ser esse o grande desafio dos professores atuais. Acredito que, além disto, a quarta regra do método desviante de Jeane seja outro fator central no ato de ensinar: “não se levar tão a sério” enquanto sujeito intelectual é um desafio a quem passa muito tempo em ambientes acadêmicos, e é essencial na transmissão de ideias. Não parece ser tarefa fácil, afinal o próprio texto da autora não fugiu às citações que vão do grego ao francês. Certa vez eu comentei com um professor sobre meu temor em como transformar toda a bagagem acadêmica de um curso de linguística em aulas do ensino básico, já que parece haver um abismo entre o que aprendemos e o que ensinaremos, se professores escolares. Ele me respondeu que não há uma receita, aprendemos no dia-a-dia. Temo que não seja bem assim, mas que também não haja uma resposta a esta e as tantas questões que rodeiam a profissão.